

SER OU ESTAR: EIS A QUESTÃO!

UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO DE USOS VOLTADA PARA O ENSINO DE PLE

Bruno de Andrade Rodrigues é doutorando em Estudos da Linguagem na PUC-Rio.

E-mail: brunolettras@bol.com.br

Livia Assunção Cecilio é professora da Universidade de Bolonha (Itália) e doutoranda em Tradução, Interpretação e Interculturalidade na mesma universidade.

E-mail: livia.assuncao@unibo.it

Resumo

À luz de uma abordagem funcionalista da linguagem, que se apóia numa concepção sociocognitiva de contexto, pretendemos descrever e explicar os usos dos verbos *ser* e *estar*, em casos em que tais verbos se articulam a sintagmas nominal, adjetival ou preposicional, através do exame dos usos feitos por italo-falantes em atividades que lhes foram propostas.

Abstract

In light of a functionalist approach of the language, which relies on a concept of socio-cognitive context, we intend to describe and explain the use of the verbs *ser* and *estar*, in cases where such verbs are linked to nominal phrases, adjectival or prepositional, by examining the uses made by Italian speakers in activities to which they have been proposed.

Introdução

Ao linguista que, desenvolvendo pesquisa na área de Português como Língua Estrangeira (PLE), interesse-se pela investigação dos fatores implicados na seleção e uso dos verbos *ser* e *estar*, não custará reconhecer a complexidade do fenômeno de que se encarregará de descrever. Num primeiro momento, é preciso delimitar o domínio estrutural de que tais verbos participam, já que podem entrar a fazer parte de construções muito variadas, como, por exemplo, em estruturas clivadas ‘é...que’ (Perini, 2004) (ex. *Foi* mamãe *que* fez a torta), e pode ainda funcionar como um marcador de foco (Azeredo, 2000; 2002), em enunciados como “Eu quero *é* dormir cedo”, em que o verbo *ser* se interpõe entre o verbo da oração principal e o verbo da subordinada reduzida, dividindo o enunciado em duas partes: a focalizada e o restante. A informação em foco, veiculada por “dormir cedo”, é tomada como exclusiva.

Não sucede muito diferente com *estar*, que pode integrar locuções com gerúndio (ex. *Estou escrevendo* um artigo), ou compor com particípio-adjetivo construções passivas de estado (ex. A reunião *está encerrada*).

Para fins de delimitação do escopo de nossa pesquisa, preocupamo-nos em estudar os usos de *ser* e *estar* em orações em que eles se articulam a SN (sintagma nominal), SAdj. (sintagma adjetival) e SP (sintagma preposicional). Nesses casos, a gramática tradicional os considera verbos de ligação, já que cumprem a função de ‘ligar’ um predicativo a um sujeito.

Coube-nos também verificar quais são as dificuldades encontradas pelos aprendizes italianos quando do uso de tais verbos. Para tanto, elaboramos uma atividade, que consistia em uma amostra de diálogos transcritos representativos da modalidade falada do Rio de Janeiro e que ilustravam uma situação de interação típica do cotidiano de jovens cariocas¹. Aplicamo-la a uma turma de nível intermediário de PLE da Universidade de Bolonha, na Itália, como proposta de atividade escrita para avaliação de aprendizagem.

Claro é que, adotando uma perspectiva funcionalista para o tratamento do fenômeno em pauta, não podemos prescindir do conceito de contexto (Koch, 2006). O contexto influenciará nas escolhas linguísticas que fazemos. Ele se torna particularmente importante quando da consideração dos usos de *ser* e *estar* com SAdj., já que, em muitos casos, a escolha entre um verbo e outro dependerá do compartilhamento entre os interlocutores de conhecimentos, crenças e valores pressupostos; ou, em outras palavras, dependerá do compartilhamento por eles de seus contextos sociocognitivos².

1) O que dizem as gramáticas normativas

É no capítulo da “Sintaxe de termos da oração” que nos interessa observar como tradicionalmente são tratados os verbos *ser* e *estar* nas gramáticas de três renomados gramáticos, a saber, Lima (2001), Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2002).

Em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Lima (2001), ao estudar o predicado, classificando-o em nominal, verbal e verbo-nominal, incluirá os verbos *ser* e *estar* entre os verbos denominados de ligação, cuja função é tão só relacionar o termo predicativo ao seu sujeito, como em “Pedro *é* doente”, “Pedro *está* doente”, “Pedro *anda* doente”, “Pedro *permanece* doente”. Lima (2001) acrescenta que tais verbos “são elementos indicativos dos diversos aspectos sob os quais se considera a condição de *doente* em relação a *Pedro*” (Lima, 2001, p. 238), no entanto não nos diz mais a respeito da diferença aspectual depreendida do uso desses diversos verbos, especialmente de *ser* e *estar*. Ora, parece-nos que o uso de *ser* ou *estar* na estrutura “Pedro___doente” acarretará sentidos diferentes, tendo em conta, evidentemente, o contexto. A ocorrência de *ser* nessa estrutura pode veicular a informação ‘Pedro sofre de uma doença mental’, o que não, necessariamente, sucede com o uso de *estar*. Pode-se dizer “Pedro *está* doente” para comunicar que ele *está* gripado ou foi acometido de uma doença incurável. Nesse caso, a distinção entre *permanente* e *temporário* de que o uso de *ser* e *estar* são expressão torna-se, no mínimo, discutível. Não convém aqui discutir a pertinência dessa distinção aspectual já consagrada na literatura; por ora, basta-nos essa sugestão.

Não se pode esquecer que Lima (Ibid. p. 238) considera o termo que funciona como predicativo, que pode ser um substantivo, um adjetivo ou pronome, como núcleo da oração. Essa lição se assenta na ideia de que é aquele termo responsável pela

predicação, embora o conceito de predicação não seja, claramente, definido na tradição gramatical. Outras obras há, conforme veremos, em que o conceito de predicação, fundamental para o estudo dos usos de *ser* e *estar*, é apresentado e definido. De qualquer modo, o que o gramático permite-nos entrever é que o núcleo é o elemento que carrega conteúdo semântico e, nesse caso, predicar significa acrescentar um ingrediente semântico a um termo, no caso, ao sujeito. Ora, a perspectiva da descrição tradicional destitui os verbos *ser* e *estar* de conteúdo semântico, ou melhor, de significado lexical (Bechara, 2002, p. 109); portanto, não lhes pode conferir o estatuto de núcleo.

Já Cunha & Cintra (2001) referem os conteúdos aspectuais expressos pelos verbos de ligação. A distinção aspectual entre *ser* e *estar* repousa na oposição entre “estado permanente” (associado a *ser*) e “estado transitório” (associado a *estar*). Em nota os autores nos informam o seguinte:

“Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente idéia nova ao sujeito; funcionam apenas como um elo entre este e o seu predicativo” (Cunha & Cintra, 2001, p. 133, ênfase do autor).

Não trazer ideia nova ao sujeito significa não comportar significado lexical, que diz respeito aos modos como as línguas estruturam as parcelas de nossas experiências de mundo, ou aos elementos do universo biossocial em que os homens vivem. Trata-se, pois, de um significado que aponta para o domínio extralinguístico.

Embora um pouco sofisticado, o modelo de descrição da estrutura sintática da oração, apresentado por Bechara (2002), em *Moderna Gramática Portuguesa*, se afina com o legado da tradição gramatical. Não obstante, o autor faz questionamentos e observações interessantes, que representam relativo avanço. Interessa-nos, particularmente, a seguinte observação do autor: “Toda a relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo” (Bechara, 2002, p. 426).

Claro é que a predicação é uma função realizada em construções sintáticas formadas por verbos; e nisso se distingue da modificação, uma função realizada em construções que dispensam o verbo. Particularmente interessante é o que nos ensina Azeredo: “O ato de predicar constitui ordinariamente uma declaração sobre um conceito, e só é possível graças ao **verbo**. O verbo tem outras funções na língua, mas ‘predicar’ é sua função mais típica, além de lhe ser exclusiva” (Azeredo, 2002, p. 75, grifo do autor). Logo a seguir, ele acrescenta:

“Modificação e predicação são conceitos correlatos, visto que ambos expressam modos de existência dos seres. Adjetivos podem, até mesmo, desempenhar o papel da predicação. Na fala, isso acontece em frases exclamativas (*Muito inteligente, esse menino!, Cabra safado!*). Nas frases declarativas, o adjetivo toma parte na predicação ao vir introduzido pelo verbo *ser*” (ibid.id.).

Azeredo (2002, p. 76), para ilustrar as duas funções, refere como exemplos construções do tipo “céu azul” e “O céu é azul”, das quais se depreende, respectivamente, as funções de modificação (pela adjunção do adjetivo ao substantivo) e de predicação (pela intercalação do verbo entre o sujeito e o predicativo).

Parece-nos, contudo, que Azeredo (2002) se contradiz ao postular que a predicação é uma função exclusiva do verbo, num primeiro momento; e depois ao afirmar que “o adjetivo toma parte na predicação”. Ora, então predicar não é uma função exclusiva do verbo, embora lhe seja típica.

Pode-se concluir que, para o autor, em construções com *ser* seguido de adjetivo, este exerce a função de predicação. Veremos que ele será o predicador e também o núcleo. Não obstante, o que nos interessa aqui é fazer ver que o adjetivo só pode predicar porque há na oração uma forma verbal que o habilita a exercer tal função. Na ausência do verbo, ele não predicaria, mas modificaria o significado do substantivo a que se vincula. Vale notar que, nas frases exclamativas referidas pelo autor, o adjetivo desempenha a função de predicação, porque se pode subentender o verbo *ser* nessas construções (ex. *É muito inteligente, esse menino!*; *Cabra é safado!*).

Diremos – e, nesse tocante, seguimos Azeredo (2000; 2002) – que o verbo *ser* (também o *estar*) transfere ao termo que se encontra à direita a função de predicar. Por transpor a função de predicar a esse elemento à direita, os verbos *ser* e *estar* serão considerados “transpositores”. Exercendo a função de predicação, os constituintes dispostos à direita serão considerados, ao contrário do que nos ensina Bechara (2002), “núcleo” do predicado.

2) Definindo os conceitos

Os verbos *ser* e *estar* são, portanto, verbos instrumentais, denominados aqui de transpositores, já que transpõem a função de predicação ao elemento que se acha à direita. Tal elemento é o predicador, o qual é responsável pela predicação. O predicador cumpre as seguintes funções:

- a) determina a classe gramatical do argumento (sujeito);
- b) faz seleção de restrição quanto aos traços semânticos desse argumento;
- c) é responsável por determinar a ocorrência de *ser* ou *estar*.

O sujeito, entendido como argumento, na perspectiva funcionalista em que nos situamos, também é determinado pelo predicador. Comparem-se os casos abaixo:

- (1) O ministro disse a verdade.
- (2) O ministro *está* doente.

Em (1), o verbo “dizer”, encerrando uma estrutura relacional do tipo “X dizer Y”, estabelece uma relação entre o sintagma nominal “o ministro” (sujeito) e o sintagma nominal “a verdade” (objeto). Esse verbo não só prevê, em sua semântica, os espaços correspondentes a X e Y (preenchidos pelas formas “ministro” e “verdade”), como também faz restrição quanto ao traço semântico que deve comportar o primeiro termo (argumento) X, ou seja, esse termo deve incluir o traço [+ hum], por força da ocorrência de “dizer”.

Em (2), a seu turno, embora possamos dizer corretamente que haja uma relação entre “o ministro” e “doente” mediante a ocorrência de *estar* (que, por isso, tradicionalmente, é entendido como “verbo de ligação”), não é lícito entendê-lo como o responsável pela ocorrência do termo que vem depois, tampouco do termo que vem antes. Destituído de significado lexical, tal verbo se insere em estruturas sintático-semânticas bem variadas, donde se segue ser ele desabilitado para determinar a natureza semântica do seu argumento (sujeito). Vejam-se, nesse tocante, os exemplos abaixo:

- (3) *A pasta *está* doente.
- (3a) A pasta *está* suja.
- (4) O relógio *está* com defeito.
- (4a) * O ministro *está* com defeito.

Os exemplos acima patenteiam o fato de que as ocorrências de “a pasta”, “o relógio” e “o ministro” são determinadas pelos elementos que se dispõem à direita do verbo *estar*. O verbo *estar* admite o uso de substantivos [+/- anim], desde que satisfeitas as exigências semânticas dos elementos que lhe vêm pospostos.

2.1) O predicador como núcleo

Em *Iniciação à Sintaxe do Português*, Azeredo (2000) esclarece-nos sobre a distinção entre *predicadores e transpositores*: “(...) os predicadores **são núcleos** do predicado; os transpositores introduzem outros constituintes (SAdj, SPrep, SN, SAdv, Particípio), que assim podem funcionar como predicadores (...)” (p. 68-69, grifo nosso). Ao transpor os constituintes que se acham à direita à função de predicador, os verbos *ser* e *estar* também lhes conferem a posição de núcleo do predicado. Assim é que os sintagmas nominal, adjetival e preposicional, destacados em (5), (6) e (7), respectivamente, são predicadores:

- (5) Ana Luiza *é* linguista.
- (6) O mar *está* calmo.
- (7) O vinho *é* da Itália.

O núcleo não só comporta significado lexical, como também, na função de predicador, determina a estrutura sintático-semântica da oração. Disso se segue que ao predicador cabe determinar:

- a) a classe semântica a que deve pertencer o sujeito (restrições de seleção);
- b) a forma sintática do sujeito (substantivo, infinitivo, oração);
- c) a seleção de *ser* ou *estar*.

Cumprir dizer que o predicador pode ou selecionar um dos verbos, por exclusão do outro; ou pode admitir o uso de um ou outro, caso em que só o contexto sociocognitivo poderá explicar a escolha de um deles.

2.2) O contexto sociocognitivo

Em *Desvendando os segredos do texto*, Koch (2006) lembra-nos a diversidade de concepções de contexto: “As concepções de contexto variam consideravelmente não só no tempo, como de um autor a outro; e ocorre mesmo que um mesmo autor utilize o termo de maneira diferente, em vários momentos, sem disso se dar conta” (p. 21).

O problema, nesse tocante, parece repousar na dificuldade de delimitação do próprio conceito, a saber, onde ele inicia e onde ele acaba. Após trazer à cena as posições de alguns autores, Koch (2006) apresenta os cinco fenômenos que devem ser recobertos pelo conceito de contexto. Assim, segundo a autora, o contexto deve recobrir:

“1. cenário; 2. entorno sociocultural; 3. a própria linguagem como contexto – o modo como a fala mesma simultaneamente invoca contexto e fornece contexto para outra fala; isto é, a própria fala constitui um recurso dos mais importantes para a organização do contexto; 4. conhecimentos prévios; 5. contexto analisado como um modo de práxis interativamente constituído: evento focal e contexto estão numa relação de figura-fundo” (Koch, 2006, p. 23)

A autora também propõe o conceito de *contexto sociocognitivo*, cuja definição se depreende da leitura do seguinte trecho:

“Para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos cognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes. Em outras palavras, seus conhecimentos – enciclopédico, sociointeracional, procedural etc. – devem ser, ao menos em parte, compartilhados (visto que é impossível duas pessoas compartilharem exatamente os mesmos conhecimentos)” (Koch, 2006, pp. 23-24).

Assim é que o contexto sociocognitivo compreende todos os conhecimentos representados na memória dos interactantes. Tais conhecimentos são mobilizados na interação verbal. Disso se segue que a escolha entre *ser* e *estar* dependerá de

pressupostos compartilhados entre os participantes da interação. Também daí se segue que o falante dirá aquilo que é necessário ou relevante para que o seu interlocutor reconstrua a interpretação desejada. Veja-se um exemplo disso, considerando-se as duas frases que seguem:

(8) A praia *está* boa.

(9) A praia *é* boa.

Numa situação em que os interlocutores estão desfrutando da praia, à produção de (8) pode subjazer a intenção de comunicar que a praia naquele momento mesmo está agradável, ou seja, 'boa'. Na perspectiva do falante, 'boa' é uma qualidade circunstancial da praia. No entanto, se o interlocutor também fosse um desfrutador assíduo da mesma praia há anos e se, nas muitas vezes em que esteve nela, a praia lhe agradou, ele poderia corrigir o amigo enunciando (9), para comunicar que a qualidade de 'boa' é algo inerente àquela praia:

(10) *Está* boa não, ela *é* boa.

A oposição inerente e não-inerente relativa ao uso de *ser* e *estar* fica aqui patente. Se o amigo, sem nunca ter ido àquela praia, dissesse (8), e o outro, que é um frequentador assíduo, o advertisse, dizendo (10), poderíamos concluir que, para este, a escolha de 'ser' é mais adequada: a praia tem como característica fundamental *ser boa*. O não-frequentador da praia avaliou-a de sua perspectiva atual, circunstancial, já que não dispunha do conhecimento prévio de que (quase) sempre a praia é agradável àqueles que desfrutam dela. Poder-se-ia se tratar de uma praia famosa, que, agradando às pessoas que a frequentam, atrai muitos turistas e nativos da região.

Importa ver que a escolha das expressões linguísticas que nos parecem adequadas ao que pretendemos comunicar estará sempre sujeita à refutação, à rejeição, à retificação; e as disputas pelo sentido adequado dependerão dos modos como percebemos/interpretamos nossas experiências culturais ou de mundo (cf. Dijk, 2012). Compartilhar, ainda que parcialmente, um modelo de mundo (ou um contexto sociocognitivo) é indispensável para que os significados possam ser negociados. O amigo não-frequentador poderia até negar que a praia é boa; provavelmente, porém, não seria bem-sucedido em sua empresa argumentativa, visto que lhe faltaria a experiência de assiduidade na presença como desfrutador da praia.

2.3) As noções de inerente e não-inerente

Não obstante ser comum entender que *ser* e *estar* atualizam aspecto, quando usados junto de sintagmas adjetivais, a oposição inerente e não-inerente não pode ser

definida como aspectual, já que ela não aponta para a temporalidade interna desses verbos. Trata-se de noções semânticas que, não limitadas ao comportamento destes verbos, também podem estar associadas à natureza semântica dos adjetivos a que eles se articulam. Vejam-se, por exemplo, os casos (11), (12) e (13):

(11) O menino *é* inteligente.

(12) O evento *é* privado.

(13) O muro *é/está* alto.

Em (11), o adjetivo “inteligente” designa uma qualidade que é inerente a todo ser humano. Embora a inteligência seja uma propriedade que desenvolvemos ao longo de nossas experiências de mundo, o ser humano nasce pré-disposto a ela. A própria natureza semântica do adjetivo repele o uso de *estar*, que indicaria ser possível ter a inteligência num determinado momento, e não dispor dela noutro, como se ela fosse algo episódico. Sucede diferente com o adjetivo “esperto” que, a despeito de situar-se no mesmo campo semântico de inteligência, não é sinônimo de inteligente, designando, portanto, uma qualidade de alguém que é hábil, astuto, podendo sê-lo numa dada circunstância, donde se segue a possibilidade de usar *estar* (ex. O menino está esperto). No caso (12), ocorre um adjetivo de sentido descritivo (cf. Azeredo, 2002). Adjetivos de sentido descritivo selecionam *ser* e não *estar* (ex. O território agora é asiático; Estas escolas são públicas). Em (13), o adjetivo “alto” pode ser representado ou como uma propriedade ‘inerente’ ou como ‘não-inerente’ ou ‘adquirida’. O uso de *ser* marca a inerência; o de *estar* a não-inerência. Cabe ainda dizer que o uso de *estar* implica, aqui, a noção de ‘mudança de estado’.

Importa-nos estudar também a influência de certos adverbiais na determinação ou suspensão da oposição +/- inerente. Por exemplo, um advérbio como “hoje”, referindo-se ao dia mesmo em que uma enunciação acontece – portanto, com valor dêitico, parece ser incompatível com o uso de *ser*, numa frase como (9a):

(9a) (?) A praia *é* boa hoje.

No entanto, se for usado no sentido de ‘atualmente’ ou ‘hoje em dia’, “hoje” admite a co-ocorrência com *ser* ou *estar*:

(9b) Hoje a praia *é* boa (em outros tempos, não era).

(14) Hoje, a faculdade *é/está* melhor.

Note-se ainda o uso de “sempre”, nos enunciados abaixo:

(15) O café neste bar *é* sempre quente.

(16) O café neste bar *está* sempre quente.

O advérbio suspende a oposição entre *ser* e *estar*, relativamente ao conteúdo de inerência. Por outro lado, o mesmo advérbio afeta a semântica de *estar*, de tal sorte que o adjetivo seguinte torna-se uma qualidade constante da entidade representada pelo sujeito.

- (17) Eu *estou* cansado hoje.
- Não, você *está sempre* cansado.

A esta altura, convém insistir que dizer serem os verbos por nós considerados destituídos de significado lexical não redundaria serem semanticamente esvaziados. Devemos ter em conta que tais verbos, se, por um lado, não instauram um estado-de-coisas, tal como sucede com verbos como “comer” e “beber”; por outro lado, comportam noções como ‘inerência’ x ‘não-inerência’; ‘circunstancial’ x ‘incircunstancial’. Ademais, eles entram a fazer parte de esquemas semântico-sintáticos específicos: o verbo *ser*, por exemplo, é usado em enunciados cujo predicado encerra uma definição do sujeito, de tal sorte que os dois SNs são co-referenciais (ex. O osso é um tecido conjuntivo constituído por células; Paulo é o nosso professor de português). O verbo *estar* não figura em tal esquema. Quando empregado com adjetivos que podem ocorrer também com *ser*, indica que a qualidade designada por esses adjetivos é vista como circunstancial ou acidental (ex. O céu está azul; Este menino está esperto). Também o verbo *estar* implica pressupostos que não são depreendidos do uso de *ser*, como em “o carro está lento” x “o carro é lento”. No primeiro caso, pressupõe-se ‘mudança de estado’; no segundo, essa pressuposição está excluída. Por outro lado, com *ser*, a propriedade ‘lento’ define a natureza do carro ou, se preferirmos, é atribuída a ‘carro’ como uma propriedade intrínseca.

Vale dizer que, numa abordagem funcionalista, a atribuição de qualidades por intermédio do uso dos verbos *ser* e *estar* deve ser pensada como decorrente da perspectiva pela qual o enunciador organiza sua experiência de mundo. Ao escolher entre *ser* e *estar*, no caso ilustrado, o enunciador escolhe entre duas formas de codificar sua experiência de mundo: numa, a propriedade ‘lento’ é algo que se relaciona a “carro” de modo circunstancial; noutra, essa mesma propriedade é considerada algo intrínseco ao ‘carro’, uma propriedade que o define ou o tipifica. Na visão do enunciador, trata-se de um carro do tipo ‘lento’.

Essas considerações nos levam a pensar os usos de *ser* e *estar* de um ponto de vista textual-discursivo: da mesma forma que os adjetivos selecionados revelam atitudes de valoração/avaliação ou pontos de vistas dos enunciadores, a escolha entre *ser* e *estar* junto a determinados adjetivos (que admitem a co-ocorrência com uma ou outra forma verbal) expressa o modo como o enunciador atribui a qualidade às entidades predicadas. Do ponto de vista argumentativo, um enunciado como “o carro é lento” serve melhor à

desqualificação do veículo, caso fosse a intenção do enunciador advertir o motorista de que o veículo não satisfaz as necessidades de ambos numa dada ocasião.

3) Análise das atividades propostas

Vamo-nos deter, nesta seção, na análise das ocorrências de *ser* e *estar* encontradas na atividade proposta a aprendizes italianos de nível intermediário de PLE da Faculdade de Intérpretes e Tradutores (*Scuola Superiore di Lingue Moderne per Interpreti e Traduttori* - SSLMIT) da Universidade de Bolonha, Campus de Forlì. A atividade em questão trata-se de diálogos transcritos da modalidade falada do Rio de Janeiro – relacionados ao contexto futebolístico –, na qual os estudantes deveriam preencher as lacunas do texto com os verbos *ser* e *estar* no tempo verbal adequado. Tal atividade foi aplicada como exercício escrito para casa, em maio deste ano, e os dados observados nas respostas dos aprendizes italianos são analisados a seguir, através do destaque dos erros³ mais comuns a fim de explicá-los à luz da teoria que vimos apresentando e que alicerça nossa pesquisa. Falamos em erro linguístico aqui, porquanto, de fato, os aprendizes estrangeiros mostraram-se, em alguns casos, improficientes quando da atualização das regras previstas pela competência linguística do falante nativo de português para o uso dos referidos verbos.

A despeito de certas similaridades linguísticas que aproximam o português e o italiano, e da posição privilegiada/ideal dos italo falantes no processo de aquisição-aprendizagem de PLE (Grannier, 1998), constatamos algumas dificuldades, quanto ao uso dos verbos *ser* e *estar* nas atividades propostas, que indicam o não reconhecimento de regras na base das quais se dá a seleção de um ou outro verbo. Começaremos apresentando o primeiro erro que foi corrente entre os cinco aprendizes aos quais as atividades foram propostas. Vejamos:

- Onde *está* o jogo?
- Ué, *está* no Brasil, no Engenho. O Maracanã *está* em obra para a Copa do Mundo de 2014. Lembra?
- *Está* mesmo. Até esqueci. Quando o jogo *está* no Maracanã é emocionante....

O falante nativo de português, com base em sua competência linguística, rejeita o uso de *está* em “Onde *está* o jogo”, “*está* no Brasil” e “Quando o jogo *está* no Maracanã...”. Em primeiro lugar, devemos reconhecer em que estrutura o verbo *estar* figura. Com efeito, a estrutura ‘em__SN’, que exprime a noção de ‘lugar onde’, admite a ocorrência de *estar*, como se pode constatar numa frase como “A toalha *está* na mesa”. Sucede, contudo, que o sujeito é representado por um substantivo concreto que designa um objeto/coisa. Se prestarmos atenção à estrutura dos enunciados em que se verificou o uso inadequado de *estar*, não nos será custoso reconhecer que o sujeito não é

representado por um substantivo concreto, mas por um substantivo abstrato, que exprime a noção de ‘evento’. As categorias gramaticais *concretude vs. abstratividade* parecem estar na origem do uso dos verbos *ser* e *estar*, quando combinados a SP formado da preposição *em*, indicando ‘lugar onde’. Os exemplos abaixo ilustram essa hipótese:

(18) O gato *está* no tapete.

(19) O show do Roberto Carlos *será* no Maracanã.

Em (18), o sujeito é representado por um substantivo concreto, passível de localização espacial e o predicador é um SP introduzido da preposição *em*, indicando ‘lugar onde’. Em (19), o sujeito é representado por um substantivo abstrato, que designa um evento, cuja ocorrência é situada em determinado lugar (no Maracanã). Pode-se, assim, estipular duas regras para o uso dos verbos *ser* e *estar* em contextos sintáticos em que figuram a estrutura ‘em__SN’, indicando ‘lugar onde’.

1ª regra: sendo o sujeito representado por um substantivo abstrato que designa ‘evento’, os falantes nativos de português usam o verbo *ser*;

2ª regra: sendo o sujeito representado por um substantivo concreto (que pode designar coisa, objeto, seres vivos), os falantes nativos de português usam o verbo *estar*.

Descritas dessa forma, as regras permitem-nos entrever que considerar apenas o predicador a fim de determinar o uso de um ou outro verbo é insuficiente, já que, no caso em questão, o predicador ‘em__SN’ admite tanto o uso de *ser* quanto de *estar*. É somente quando consideramos a estrutura semântico-relacional como um todo (o que inclui o reconhecimento de traços semânticos do sujeito) que podemos descrever e explicar a ocorrência de um ou outro verbo. A verdade desse pressuposto teórico se corrobora, quando da consideração das ocorrências abaixo:

(20) A camisa *é* no armário.

(21) A camisa *está* no armário.

(22) A PUC *é* na Gávea.

O caso (20) parece perturbar, a princípio, a nossa compreensão dos usos de *ser* e *estar* combinados com ‘em__SN’. No entanto, ela nada nos informa da possibilidade de usar também *ser*, quando o sujeito é um substantivo concreto. Notemos, contudo, que devemos contextualizar (20), a fim de que possamos depreender no que difere de (18). Imaginemos que (20) seja proferido por uma mãe que adverte seu filho de que não deve deixar a camisa pendurada no encosto da cadeira na sala. A mãe pretende, ao dizer a frase (20), que o filho guarde a camisa no armário, e para tanto ela orienta para a

localização da camisa, por meio do uso de *ser*. Note-se que ela não informa sobre onde encontrar a camisa, mas orienta seu filho para que ele guarde a camisa no devido lugar. Claro está que o contexto faz-se extremamente importante nesse caso; do contrário ficamos confusos ao pretender determinar o uso de *ser* e *estar*, limitando nossa observação tão só sobre a estrutura sintático-semântica do enunciado. Note-se que a 2ª regra descreve adequadamente o que ocorre no exemplo (21), em que apenas informa-se sobre o local onde se localiza a camisa.

O caso (22), embora encerre um sujeito representado por um substantivo concreto, que, no caso, designa ‘lugar’, não parece aceitar o uso de *estar*. No ensino de PLE, tem-se procurado explicar tal caso propondo-se que, comportando o sujeito o traço semântico [-móvel], o uso de *ser* é normal para os falantes nativos de português. Se, por outro lado, o sujeito for representado por um sujeito que comporta o traço [+ móvel], é o uso de *estar* que é considerado normal. Isso explica o uso de *ser* em (22) e de *estar* em (18). O problema não se resolve tão simplesmente assim, quando observamos a possibilidade de se dizer (23):

(23) A PUC agora *está* (também) na Barra.

O contexto sociocognitivo se nos impõe como indispensável para a compreensão desse emprego de *estar*. É necessário que os interlocutores compartilhem o pressuposto (conhecimento) segundo o qual a PUC tem uma sede também na Barra. Não se pensa, evidentemente, que o prédio da PUC tenha mudado de lugar. O que o falante pretende dizer é que foi aberta uma nova sede da PUC na Barra. Assim, o enunciado (22) é funcional num contexto em que figurasse uma pergunta como:

(22a) Onde *é* a PUC?

Já (23) poderia ser um segmento encadeado à resposta da questão (22a):

(23a) A PUC *é* na Gávea, mas (ela) *está* também na Barra.

Finalmente, cumpre observar o uso de *estar* onde se esperaria o verbo *ser*, com claro valor discursivo, em:

- *Está* mesmo. Até esqueci.

O aprendiz italiano recupera, por anáfora, a ocorrência de *estar* em “O Maracanã está em obra”. Dos cinco aprendizes que realizaram as atividades, apenas um usou o verbo *estar*. Todos os demais usaram o verbo *ser*. O uso do *ser*, por vezes, acompanhado do vocábulo “mesmo”, serve à função de confirmação do valor de verdade da proposição enunciada. Argumentativamente, o enunciador que diz “é

mesmo” adere à perspectiva, à opinião ou ao conteúdo comunicado por seu interlocutor. Assim é que, após ouvirmos de alguém uma frase como “Ela não gosta de ninguém”, podemos concordar com nosso interlocutor, dizendo “é mesmo”. Enunciando “é mesmo”, expressamos estar de acordo com a opinião do nosso interlocutor.

Aqui não é o lugar para especularmos sobre o uso de *estar* nesse caso. Claro nos parece que ele é possível, como parecem sugerir ocorrências como:

(23b) - O Maracanã está em obra?

- Está.
- Acho que ainda não.
- Então olha o jornal...
- *Está* mesmo.

Passemos a considerar outro erro recorrente entre os aprendizes italianos, a saber, o uso de *estar* na expressão ‘X mais o/a SN’, como em “Eu sou mais o Pelé”. Com a expressão “sou mais o/a”, exprimimos nossa preferência por uma coisa ou pessoa entre duas ou mais quando cotejadas. A preferência se sustenta na crença em que uma se sobressai à outra. Dos cinco alunos, apenas dois usaram corretamente o verbo *ser* em vez de *estar* nesse caso. A seguir, o trecho da atividade proposta aos aprendizes italianos:

- A Itália ganha hoje?
- De goleada! Não vai dar para o Brasil, não! Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho *está* muito fraco, eu *estou mais* o Balotelli.

Particularmente interessante é observar que se pode usar tanto *estar* quanto *ser* em “Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho *está/ é* muito fraco”. O uso de um ou outro verbo está previsto no emprego do adjetivo “fraco”. Pertence ele à classe dos adjetivos que admitem o uso de um ou outro verbo. Encontram-se nessa classe os adjetivos valorativos – apreciativos ou depreciativos (ex. bonito, feio, bom, mau, agradável, interessante, forte, etc.). Contudo, não convém nos apressar em dizer que o uso de um ou outro verbo é indiferente. A perspectiva funcionalista em que nos situamos rejeita essa visão. Toda escolha linguística que fazemos cumpre um determinado propósito comunicativo (uma função). É a intenção do falante que será determinante do uso de um ou outro verbo. Usando *estar*, o falante avalia a condição do jogador circunstancialmente (ele não inclui o jogador entre aqueles que considera dotados de baixa qualidade técnica). Ao dizer “o Ronaldinho *está* fraco”, apenas atribuiu a “Ronaldinho” uma qualidade não-intrínseca, adquirida circunstancialmente, na perspectiva dele, falante. O pressuposto ‘passível de mudança’ está implicado no uso de *estar* (Ronaldinho *está* fraco (atualmente), mas poderá melhorar). Diferente é a intenção do falante que opte pelo uso de *ser*. Ao dizer “Ronaldinho *é* fraco”, ele inclui o jogador

no grupo dos jogadores que considera ‘fracos’ (entenda-se ‘com baixo nível técnico’). Trata-se do uso típico do verbo *ser* que serve à categorização. Segundo a perspectiva do falante que se vale do verbo *ser*, nesse caso, a qualidade ‘fraco’ é considerada uma qualidade intrínseca do jogador Ronaldinho. Novamente, insistimos em que não é possível explicar os usos de *ser* e *estar* sem recorrer ao contexto sociocognitivo.

Embora constatado na atividade de um aluno, em um outro trecho, o uso de *ser* num ambiente sintático em que se espera o uso de *estar* (a que nos referimos anteriormente) é digno de nota:

- Onde *está* o pessoal?
- Eles *estão* chegando. Daqui a pouquinho, eles *serão* aqui.

Curiosamente, o aprendiz usa de modo correto o verbo *estar* no primeiro enunciado, mas deixa de usá-lo, preferindo *ser* no final do enunciado. Tal escolha pode ser justificada pelo fato de que, em italiano, nesse contexto, seria correto o uso do verbo *ser* (ex. “Fra pochino, loro *saranno* qui”). Trata-se, como se vê, de um caso de interferência da língua materna (o italiano) sobre a língua-alvo (o português).

Cumpre, por fim, observar a ocorrência de *ser* num enunciado em que figura como predicador o adjetivo “invicto”. Apenas um aluno cometeu o erro.

- Eu também. Mas o time do Brasil *é* bom. *É* um jogo difícil. O Brasil *é* invicto.

O adjetivo “invicto” seleciona *estar*, e não *ser*. Isso se deve ao fato de “invicto” designar uma condição passível de mudança (assim que uma equipe perde um jogo, ela deixa de estar invicta). É o verbo *estar* a forma especializada para a expressão da noção de ‘mudança de estado’. Claro é que essa noção já está prevista na semântica do adjetivo.

Dados os limites desta exposição, esperamos que o que vimos desenvolvendo até aqui tenha contribuído para lançar alguma luz sobre a questão dos usos de *ser* e *estar* em PLE.

4) Considerações finais

Nosso trabalho é empreendido na base do pressuposto segundo o qual os verbos *ser* e *estar*, que na gramática tradicional são considerados verbos de ligação, não são verbos vazios de significação, muito embora não encerrem significado lexical, ou seja, não descrevam estado-de-coisas do mundo. Disso se segue também que não apresentam comportamento valencial, tal como sucedem com os verbos tradicionalmente chamados de “plenos” (porquanto capazes de descrever estado-de-coisas do mundo e de, portanto, prever um dado número de argumentos).

Advogamos que os verbos *ser* e *estar* contribuem semanticamente para a construção do significado dos enunciados de que entram a fazer parte, mas não são eles mesmos núcleos da predicação. Esta posição é preenchida pelo constituinte que se acha à direita, o qual cumpre a função de predicador. É o predicador que não só determinará a seleção entre *ser* e *estar*, como também a tipologia semântica do sujeito, ou seja, é ele que fará exigências quanto aos traços semânticos (semas) que deve comportar o substantivo (ou equivalente) na função de sujeito.

Sempre que o predicador admitir o uso de um ou outro verbo, a seleção será determinada pelo contexto (Koch, 2006) (aqui, entendido como contexto sociocognitivo). Tal é o caso do predicador “bom”, que pode combinar-se tanto com *ser* quanto com *estar*. Nesse caso, a seleção de *ser* ou *estar* dependerá da intenção de o usuário da língua comunicar implicitamente certos valores e crenças que configuram seu contexto sociocognitivo, internalizado em suas experiências socioculturais. São esses valores e crenças (ou pressupostos) que, não se comunicando explicitamente, determinam a escolha entre *ser* ou *estar*. O sucesso do evento comunicativo depende de que o aprendiz estrangeiro os reconheça quando da escolha de um ou outro verbo.

¹ As atividades se acham em anexo.

² O conceito de contexto sociocognitivo será definido mais adiante.

³ Atentos à problemática sociolinguística envolvida na questão de erro em linguagem, entendemos a noção de erro, na perspectiva do português como língua estrangeira, como todo e qualquer uso feito por um não-nativo que infringe alguma regra prevista pela gramática do português que é um componente integrante da competência linguística do falante nativo.

Referências Bibliográficas

AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Iniciação à Sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BUTT, D. *et. alli*. **Using Functional Grammar: An Explorer's Guide**. National Centre for English Language Teaching and Research, Sydney: Clarendon Printing, 1997.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIJK, T. A. **Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2012.

GOUVEIA, C. A. M. e BARBARA, L. **Marked or unmarked that is NOT the question, the question is: Where's the Theme?** 11th Euro International Systemic Functional Linguistics Workshop – University of Glasgow, 19-22 July, 2000.

GRANNIER, D. M. **Distância entre línguas e variáveis metodológicas no ensino de português para estrangeiros**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DAS

- UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 8, 1998, Macau. Anais... [s.n.], 1998.
- HALL, E. T. e HALL M. P. **Understanding Cultural Differences: keys to success in West Germany, France, and United States.** Yarmouth: Intercultural Press, 1990.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar.** Great Britain: Edward Arnould, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. **Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-semiotic Perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2006.
- LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- MATEUS, M. H. M. *et alii.* **Gramática da Língua Portuguesa.** Lisboa: Caminho, 1989.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo: UNESP, 2000.
- PERINI, M. A. **Modern Grammar Portuguese: a reference Grammar.** Yale University, 2002.
- WEBSTER, J. J. ed. **On Grammar.** London: Continuum. Collected works of M. A. K. Halliday, v.1, 2005.

ANEXO

Exercício

1. Leia o diálogo abaixo e preencha as lacunas com os verbos SER ou ESTAR no tempo verbal adequado:

Estudante 1

- Fala aí, Marcelinho! Tranquilo?
- Tranquilinho! Entra aí, que o jogo vai começar daqui a pouco.
- Onde **está** o pessoal?
- Eles **estão** chegando. Daqui a pouquinho, eles **serão** aqui.
- E a Itália ganha hoje?
- De goleada! Não vai dar para o Brasil, não! Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho **está** muito fraco, eu **estou** mais o Balotelli.
- **Estou** eu também. Mas o time do Brasil **é** bom. **É** um jogo difícil. O Brasil **está** invicto.
- Mas vai perder a invencibilidade hoje!
- Onde **está** o jogo?
- Ué, **está** no Brasil, no Engenhão. O Maracanã **está** em obra para a Copa do Mundo de 2014. Lembra?

- **Está** mesmo. Até esqueci. Quando o jogo **está** no Maracanã **é** emocionante...
- O Maracanã **é** sempre o grande palco do espetáculo!
- **É** mesmo. Que pena!
- Você **está** de carro?
- **Estou**. Por quê?
- Porque a gente podia passar na casa do Guilherme depois do jogo. Tenho que pegar um livro com ele para a faculdade.
- Tudo bem. A gente passa lá.
- Beleza! Você **está** com fome?
- **Estou**.
- Então, vamos pedir uma pizza antes do jogo começar!
- Vamos.

Estudante 2

- Fala aí, Marcelinho! Tranquilo?
- Tranquilinho! Entra aí, que o jogo vai começar daqui a pouco.
- Onde **está** o pessoal?
- Eles **estão** chegando. Daqui a pouquinho, eles **estarão** aqui.
- E a Itália ganha hoje?
- De goleada! Não vai dar para o Brasil, não! Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho **está** muito fraco, eu **estou** mais o Balotelli.
- **É**, eu também. Mas o time do Brasil **é** bom. **É** um jogo difícil. O Brasil **estava** invicto.
- Mas vai perder a invencibilidade hoje!
- Onde **está** o jogo?
- Ué, **está** no Brasil, no Engenhão. O Maracanã **está** em obra para a Copa do Mundo de 2014. Lembra?
- **É** mesmo. Até esqueci. Quando o jogo **está** no Maracanã **é** emocionante...
- O Maracanã **é** sempre o grande palco do espetáculo!
- **É** mesmo. Que pena!
- Você **está** de carro?
- **Estou**. Por quê?
- Porque a gente podia passar na casa do Guilherme depois do jogo. Tenho que pegar um livro com ele para a faculdade.
- Tudo bem. A gente passa lá.
- Beleza! Você **está** com fome?
- **Estou**.
- Então, vamos pedir uma pizza antes do jogo começar!
- Vamos.

Estudante 3

- Fala aí, Marcelinho! Tranquilo?
- Tranquilinho! Entra aí, que o jogo vai começar daqui a pouco.
- Onde **está** o pessoal?
- Eles **estão** chegando. Daqui a pouquinho, eles **vão estar** aqui.
- E a Itália ganha hoje?
- De goleada! Não vai dar para o Brasil, não! Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho **está** muito fraco, eu **estou** mais o Balotelli.
- **Estou**, eu também. Mas o time do Brasil **é** bom. **É** um jogo difícil. O Brasil **é** invicto.
- Mas vai perder a invencibilidade hoje!
- Onde **está** o jogo?
- Ué, **está** no Brasil, no Engenhão. O Maracanã **está** em obra para a Copa do Mundo de 2014. Lembra?
- **É** mesmo. Até esqueci. Quando o jogo **está** no Maracanã **é** emocionante...
- O Maracanã **é** sempre o grande palco do espetáculo!
- **É** mesmo. Que pena!
- Você **está** de carro?
- **Estou**. Por quê?
- Porque a gente podia passar na casa do Guilherme depois do jogo. Tenho que pegar um livro com ele para a faculdade.
- Tudo bem. A gente passa lá.
- Beleza! Você **está** com fome?
- **Estou**.
- Então, vamos pedir uma pizza antes do jogo começar!
- Vamos.

Estudante 4

- Fala aí, Marcelinho! Tranquilo?
- Tranquilinho! Entra aí, que o jogo vai começar daqui a pouco.
- Onde **está** o pessoal?
- Eles **estão** chegando. Daqui a pouquinho, eles **vão estar** aqui.
- E a Itália ganha hoje?
- De goleada! Não vai dar para o Brasil, não! Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho **é** muito fraco, eu **sou** mais o Balotelli.
- **É**, eu também. Mas o time do Brasil **está** bom. **Vai ser** um jogo difícil. O Brasil **está** invicto.
- Mas vai perder a invencibilidade hoje!
- Onde **está** o jogo?
- Ué, **está** no Brasil, no Engenhão. O Maracanã **está** em obra para a Copa do Mundo de 2014. Lembra?

- **Está** mesmo. Até esqueci. Quando o jogo **estiver** no Maracanã **vai ser** emocionante...
- O Maracanã **é** sempre o grande palco do espetáculo!
- **É** mesmo. Que pena!
- Você **está** de carro?
- **Estou**. Por quê?
- Porque a gente podia passar na casa do Guilherme depois do jogo. Tenho que pegar um livro com ele para a faculdade.
- Tudo bem. A gente passa lá.
- Beleza! Você **está** com fome?
- **Estou**.
- Então, vamos pedir uma pizza antes do jogo começar!
- Vamos.

Estudante 5

- Fala aí, Marcelinho! Tranquilo?
- Tranquilinho! Entra aí, que o jogo vai começar daqui a pouco.
- Onde **está** o pessoal?
- Eles **está** chegando. Daqui a pouquinho, eles **vai estar** aqui.
- E a Itália ganha hoje?
- De goleada! Não vai dar para o Brasil, não! Aquele tal do Ronaldinho Gaúcho **é** muito fraco, eu **sou** mais o Balotelli.
- **É**, eu também. Mas o time do Brasil **é** bom. **É** um jogo difícil. O Brasil **está** invicto.
- Mas vai perder a invencibilidade hoje!
- Onde **está** o jogo?
- Ué, **está** no Brasil, no Engenhão. O Maracanã **está** em obra para a Copa do Mundo de 2014. Lembra?
- **É** mesmo. Até esqueci. Quando o jogo **está** no Maracanã **é** emocionante...
- O Maracanã **é** sempre o grande palco do espetáculo!
- **É** mesmo. Que pena!
- Você **está** de carro?
- **Estou**. Por quê?
- Porque a gente podia passar na casa do Guilherme depois do jogo. Tenho que pegar um livro com ele para a faculdade.
- Tudo bem. A gente passa lá.
- Beleza! Você **está** com fome?
- **Estou**.
- Então, vamos pedir uma pizza antes do jogo começar!
- Vamos.